

A título de **conclusão**, podemos dizer que a cristologia dos evangelhos é pneumática, já que o Espírito Santo é o pressuposto do evento Jesus Cristo e está presente em toda a sua atividade desde a concepção no seio de Maria. O fato central da manifestação do Espírito, tanto na vida de Jesus quanto na história da salvação, é o batismo no rio Jordão. O ser da Igreja e a sua missão estão teologicamente ligados à unção batismal de Jesus. É da plenitude do Espírito presente em Jesus que a graça e a santidade são derramadas sobre a Igreja. "A Igreja não é, a não ser em sentido translato, "um prolongamento da humanidade de Cristo", mas, em sentido verdadeiro, um prolongamento do Espírito de Jesus, isto é, de sua graça"³⁶. O próprio nome de cristão é derivado da unção batismal de Jesus. "Por isso nós somos chamados cristãos, escreve Teófilo de Antioquia, porque somos todos unguídos com o óleo de

Deus"³⁷. E São Cirilo de Jerusalém escreve na sua terceira catequese mistagógica: "Pelo crisma, símbolo do Espírito Santo, somos unguídos, à imitação de Cristo, a fim de nos tornarmos semelhantes a nosso divino Chefe, sobre quem, após o batismo, baixou o Espírito Santo... O fruto deste sacramento é tornar-nos propriamente dignos do nome de cristãos"³⁸.

Lucas, no Livro do Atos, narra quatro pentecostes sucessivos na vida da Igreja primitiva³⁹. Mostra, pois, que assim como na vida de Jesus, também na vida da Igreja os pentecostes se sucedem.

Pe. Dr. Benedicto Beni dos Santos é professor titular e vice-diretor dos cursos de pós-graduação na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. End.: Av. Nazaré, 993 - Ipiranga 04263-100 São Paulo - SP

³⁶ R Cantalamessa, *op. cit.*, 16

³⁷ *Ad Aut.* I, 12

³⁸ *Catequese Mistagógica*, Ed. Paulinas, 1959, 23

³⁹ Cf. At 2, 1-12; 4,31; 11,15; 19,1-6

A EXPERIÊNCIA DA FÉ À LUZ DO CONTO DE FADA

Pe. Dr. Leonardo Meulenberg

A POSIÇÃO DO HISTORIADOR

Uma das questões em pauta hoje é, sem dúvida, o valor e a importância do Cristianismo. Não somente em conexão com os desafios modernos, mas também no terreno do passado, trava-se uma luta acirrada. Trata-se da realidade que, em Jesus Cristo, apareceu na história da humanidade. Eis o acontecimento que constitui a *pedra de toque*. O que temos de constatar é como aquele apelo, no decorrer dos séculos, foi cada vez mais distorcido, enfraquecido e abafado ou, por outro lado, como sua força inspiradora foi capaz de empolgar a humanidade pelo fato de manifestar-se sempre de novo. Tais perguntas são relevantes para os fiéis e, com razão, também para o historiador.

É normal projetarmos na realidade as nossas próprias idéias. Um homem vê o que quer ver! Percebe-se isso nas questiúnculas da vida diária. Essa atitude ganha maior influência quando se trata de persuasões íntimas que estão arraigadas no passado. Apresenta-se aqui uma armadilha que deve ser evitada pelo historiador. A tarefa dele consiste em olhar os acontecimentos com imparcialidade completa, descrevendo, objeti-

vamente, a dinâmica da sociedade e, destacando as características da pessoa no contexto de sua época. Os simples fatos podem ser, também, decisivos para o historiador.

O historiador se defronta com a exigência de procurar, por trás das aparências, um sentido fundamental que não pode ser captado nas malhas da indagação metódica. É tarefa sua buscar uma interpretação capaz de revelar as forças que determinaram a vida da humanidade. Como vislumbrar, porém, a dura realidade? Somos capazes de controlar, minuciosamente, os documentos disponíveis, descartar, decididamente, as fontes duvidosas e fundar o nosso discurso exclusivamente em fatos indiscutíveis? Sim. Mas, podemos garantir que os preconceitos foram superados?

Além disso, deparamos com outra dificuldade que se refere ao próprio historiador. Ele sabe como seu discurso, arraigado em valores humanos, inspiram as suas opções. Mais ainda, é só graças a uma tal intuição que ele pode entender os acontecimentos do passado, pois para alcançar uma idéia das complicações que acompanharam a vida da sociedade e da pessoa concreta será preciso que se reconheça na própria

experiência a condição humana de uma outra época. E, deste modo, o parecer do indivíduo volta de novo como um elemento importante da pesquisa histórica. A reprodução dos acontecimentos históricos fica marcada, assim, pelas diferentes experiências que determinaram o curso de nossa vida. O impacto da procedência, da índole, da educação e do ambiente, levam a pessoa a reconhecer a importância dos aspectos particulares. Eis a conclusão que se impõe.

É um fato que se evidencia na avaliação da caminhada do Cristianismo. Experimentamos Deus presente no mundo. A humanidade é assumida num processo que supera os esforços humanos. Em Jesus Cristo se revela o mistério da vida. Daqui por diante, espalha-se por todos os lados a comunhão dos fiéis. Com grande variedade, com muitos matices. E é obvio, portanto, que uma tal realidade ofereça espaço para um leque de interpretações. O historiador, elaborando a sua própria interpretação da realidade, revela uma parte do segredo da existência humana.

Tudo isso nos leva a concentrar a atenção numa matéria de grande valor para a cultura dos povos do mundo inteiro. Isto é, o *Conto de Fada*. Encontra-se, nessas narrações, certa riqueza espiritual que representa a herança de tantas gerações. O mistério da vida consegue uma interpretação que oferece fundamento para uma elaboração ulterior ao Cristianismo.

Este ensaio se refere ao desenrolar dos acontecimentos na Europa. Quer ser uma advertência a todas as culturas, nas quais o conto de fada é ainda uma realidade (também nas florestas do Brasil).

Conto de Fada, Mito ou Realidade?

"Num país distante havia um Rei..." Voltemos, uma vez mais, aos dias em que o conto de fada era um aspecto relevante da vida diária. Entremos no *país das maravilhas*, onde os arbustos lançam suas folhas argêntas e as macieiras se dobram sob o peso dos seus frutos dourados como tocados pelas mãos de um grande feiticeiro. O encanto, no entanto, é muito frágil. Um erro, uma pequena falha são suficientes para que se realize um desastre fragoroso. De repente, as brilhantes pérolas se desfazem, um mundo cai em pedaços (como a Bela Adormecida que se machuca na roda de fiar). Este é um elemento característico da fábula. É possível, também, que aconteça o contrário. Pensemos no *Sapo Feio*, nadando nas águas ao redor do castelo. A sua triste sorte termina quando a filha do rei vence, com um beijo, a sua repugnância. O sapo se transforma, de repente, num jovem príncipe que se enamora dela. Este aspecto não repugna a ninguém. No final tudo dá certo: "*E eles viveram muitos anos em grande felicidade...*"

Trata-se de uma descrição sumária que focaliza um elemento particular. Mas, por outro lado, é uma

característica que salta aos olhos. Descortina-se um mundo onde os homens ficam admirados com tudo o que acontece ao redor deles, com a sua esperança e o seu medo, com a sua alegria e o seu sofrimento. A vida era tão cheia de mistérios e surpresas, que não havia outra maneira de falar dela. Os contos de fadas se converteram em histórias que, transmitidas de geração em geração, estruturaram a sabedoria popular capaz, por sua vez, de elucidar a existência humana.

Depois de muitos séculos, Charles Perrault (+ 1703) começou a colecioná-los, fazendo um florilégio das histórias mais bonitas. Na dedicatória dos "*Contes de ma Mère L'Oye*" à princesa Charlotte d'Orleans ele observa: "*Os contos de fada nos dão uma impressão da vida no meio das famílias mais pobres*", assim acredita o autor, "*onde se educam os filhos ainda com ajuda de inocentes narrações*"¹. De fato, os contos de fadas são mais valorizados pelos humildes, especialmente para a formação do caráter das crianças, do seu comportamento moral e da consciência do que é certo e do que é errado.

Os círculos civilizados adultos têm outros assuntos que exigem a sua atenção. Deixam de admirar a natureza, a origem das plantas, dos fru-

tos e do mistério que envolve a humanidade. Para eles aquela visão reflete só a aparência, já não tem surpresas. O mundo perde o seu encanto. Nas investigações experimentais exatas se descobre como as folhas do arbusto crescem, como a seiva da árvore se dirige aos galhos e nutre as flores e que no fim do verão se tornam frutos amadurecidos. O estudo da estrutura do homem descobre como ele se insere na evolução da vida animal. Para todas as questões da vida humana há uma explicação lógica. A época do conto de fada parece estar terminada.

Ainda que a ciência proporcione a oportunidade de analisar a evolução do mundo, estabelecer as leis da natureza e estimular em muitos terrenos o progresso da humanidade, seria um erro acreditar que o conto de fada acabou. Ao contrário, evidencia-se, apenas, que seu encanto tem-se espalhado pelo mundo inteiro, também nas ciências e na técnica.

Quem se atreveria a levar a sério uma tal consideração? Quando os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm (*1863 / +1959) começam a colecionar seus "*Kinder und Hausmärchen*" perceberam a urgência do próprio trabalho: "*Aqueles que teriam de preservar os contos, se tornam cada vez mais raros*"². O homem

¹ CONTES DE MA MÈRE L'OYE, *Kindler's Literatur Lexikon III*, Zurich 1967, 874

² KINDER UND HAUSMÄRCHEN, *Kindler's Literatur Lexikon IV*, Zurich 1968, 486

arregaça as mangas, constrói o mundo da técnica, da indústria e do lucro. Aos poucos submerge na torrente das conquistas da civilização moderna, esquecendo a fantasia e a utopia.

Jacob Burckhardt (+1897), que com um sorriso se despediu do conto de fada, sabia do perigo capaz de estragar o fundamento na nossa vida. Em suas *“Weltgeschichtliche Betrachtungen”* ele toma posição contra as pessoas que elogiam as façanhas do mundo moderno (*“É assim que a humanidade é agora mais feliz?”*). Julga-se tudo à luz de uma segurança superficial. A idéia de correr risco nos assusta. Ficamos completamente alienados de qualquer referência ao misterioso, ao variado, ao casual. Mergulhamos num mundo de onde a sociedade gostaria de expulsar o maravilhoso. *“A nossa existência se tornou um comércio; naquela época a humanidade vivia”*³.

A surpresa do fortuito, no entanto, continua desenvolvendo um papel decisivo. Jean Paul Sartre (+1980) é o homem que, em *“La Nausée”*, põe o dedo na ferida: *“O essencial é a contingência”*. Diz ainda: *“Quero dizer que, por definição, a existência não é uma necessidade. Existir é, simplesmente, estar presente. Os entes aparecem, deixam*

*que os encontremos sem, no entanto, poder aprisioná-los. Creio que há pessoas que compreenderam isso, mas tentaram superar essa contingência, inventando um ser necessário e causa de si próprio. Ora, nenhum ser necessário pode explicar a existência. A contingência não é uma ilusão, uma experiência que se pode dissipar. Ela é o absoluto, por conseguinte a gratuidade perfeita. Tudo é gratuito: este jardim, esta cidade e eu mesmo. Quando ocorre que nos apercebemos disso, sentimos o estômago embrulhado e tudo se põe a flutuar... E isso é a náusea. O que os salafrários tentam esconder de si mesmos, com sua idéia de direito. Mas que mentira pobre! Ninguém possui o direito. Eles são inteiramente gratuitos com os outros homens. Eles não conseguem deixar de se sentir demais. E em si mesmos, secretamente, são demais...”*⁴.

Sartre redescobre o conto de fada mas, desta vez, sem a misteriosa beleza, o maravilhoso encanto, que possuía antigamente. Tudo se torna assustador. Mesmo a fé não é capaz de nos oferecer uma saída. E o Cristianismo? Este já não serve para nada. Aquilo evidencia-se no domínio... *“Em todas as casas, homens se barbeiam por trás das janelas”*,

nota o escritor. *“Os bordéis recebem seus primeiros fregueses: camponeses e soldados. Nas igrejas, à luz das velas, um homem bebe vinho diante de mulheres ajoelhadas”*⁵.

A religião é nada mais do que o resto de uma sociedade pervertida. A eclosão das obras de Deus.

As observações de Sartre são importantes, mas ele condena, de fato, uma civilização marcada por uma história maravilhosa, tão bela, que ficamos com dúvida de que seja verdadeira. Fala-se, nesta narração, sobre um *“ser necessário”*, um Deus que criou o mundo e o vestiu com variada riqueza. O homem foi feito conforme à imagem Dele. Tudo se dilui num esplendor misterioso que exige um profundo respeito e uma grande admiração. Cada planta, cada animal, cada homem, são de fato dons gratuitos que possuem qualidades únicas. Um prazer para o nosso coração, uma delícia para os nossos sentidos. E ainda que o nosso olhar, o nosso ouvido se tornassem confusos e fracos, na pessoa de Jesus Cristo recebemos de novo a capacidade para descobrir o milagre da vida. Mais ainda: a realidade se abre para um futuro que deixa perplexa a inteira humanidade.

Cada um que deseja entrar nesse mundo maravilhoso deve saber que há uma condição indispensável: o

amor. Somente o amor nos revela o destino misterioso da nossa existência. É a partir dele que se pode enxergar o plano de Deus a respeito do homem e do mundo descrito nas histórias maravilhosas da Bíblia. Qualquer um tem liberdade de especular e interpretar esse livro, observa Irinaeus de Lyon (+208) em seu *“Adversus Haereses”* mas, sem perder de vista o que é essencial. É preciso ficar empolgado pela presença divina neste mundo. Trata-se, portanto, de uma *transparência*, muito frágil, que exige pré-disposição de quem olha e sente. Irinaeus exemplifica: *“Suponha que há um mosaico, uma imagem bonita do soberano, feita de pedras preciosas por um grande artista. Em seguida vem uma pessoa que, por meio de uma deslocação das pedras, destrói na parede o modelo da forma humana e usa, depois, as mesmas pedras para a representação de um cachorro ou de uma raposa”*⁶.

Os fiéis aceitam novos matizes na elaboração. Mas, apesar das mudanças, da nova linguagem, não perdem de vista o modelo original: a imagem do soberano que anima seu coração. Trata-se de Jesus Cristo que, aos olhos dos fiéis, se tornou o Senhor da história humana. É nele que o plano de Deus mostra seu rosto.

³ WELTGESCHICHTLICHE BETRACHTUNGEN, KÖLN 1956, 54

⁴ *La Nausée*, Paris 1956, 185-186

⁵ *Ibidem*, 55

⁶ *Adversus Haereses* I, 8, 1, S.C. 264, Paris 1986, 114

A visão sacramental, *transparente*, abre os nossos olhos, destapa os nossos ouvidos. Percebemos um som novo, uma melodia nova.

Para ilustrar esse idéia, Clemente de Alexandria (+220) se refere, no seu "*Protreptikos pros Helénas*", às antigas lendas. Ele evoca as histórias de um *Orfeus*, de um *Eunomos* que com suas melodias sonoras encantavam a natureza. Estes são honrados com solenidades esplêndidas. Os cantos ressoam pelas montanhas. Mas o que significam aquelas festas em comparação com o culto que Clemente gostaria de apresentar? Desde Jerusalém soa nos salmos a voz do Senhor que chama a nossa atenção. Trata-se de um cantor divino, que é o Verbo. "*Ele, o meu Eunomos*", diz Clemente, "*não canta na tonalidade frígida, lídia ou dória, mas compõe o seu cântico na totalidade imortal de novas melodias, num estilo que recebeu o nome de Deus. Ele canta um cântico novo*". E qual é a superioridade? Pode ser que outros tenham encantado feras. Mas o Verbo soube tocar o coração do homem, "*frívolo como as aves, enganador como as cobras, violento como os leões, devasso como os porcos e predador como os lobos*". E quando se fala em árvores e rochas, que são arrastadas pela melodia do can-

tor, o Verbo vai vivificando homens, "*inanimados como pedras ou pedaços de pau*"⁷. Esta é a força maravilhosa do cântico novo que vai purificando, aperfeiçoando todos aqueles que se deixam animar pela suave melodia do Verbo.

Deve-se, porém, destacar que este cântico, já desde o início, percorria o mundo. O Verbo se revela na criação. Por toda parte se descobre uma estrutura equilibrada. "*O cântico novo*", enfatiza Clemente, "*ordenou também o universo. Ele submeteu as dissonâncias dos elementos à consonância do acorde para assim harmonizar o mundo inteiro*". Tudo contribui para a execução daquela sinfonia. Mas, é ao homem que cabe o papel principal. "*Ele é o instrumento do qual o Verbo se serve para louvar a Deus*"⁸. Desde o início, Deus exaltou o homem. Isso, graças ao cântico novo que transfere a força criadora ao mundo. O cântico novo é Jesus Cristo, voz que empolga a humanidade. Mas, tudo isso não é um tanto ingênuo? Clemente desabafa no "*Paidagogos*": "*Há muitos motivos para protestar contra aqueles intelectuais e suas disputas intermináveis*". Ele conhece aqueles que consideram os fiéis como crianças que andam sonhando com ilusões. Cada cristão sabe bem, diz ele, qual é a riqueza da fé que

receberam: "*Deixando-nos batizar, recebemos a luz*"⁹. É verdade, por outro lado, que a fé gera em todos os fiéis aquela atitude de mansidão, flexível, aberta, característica da pureza das crianças: "*Possuímos a vitalidade da juventude, que nunca envelhece*"¹⁰. Assim, quem se entrega a Jesus Cristo vive com a esperança do sonho se tornar realidade. E depois?

É sabido que muitas gerações encontraram, naquele mundo maravilhoso, o seu amparo. Mas, percebemos bem cedo que a Jerusalém Celeste ainda não desceu até nós! Desde o início, o Cristianismo foi atingido por rivalidades, brigas e escândalos. Porém, isso não chega a ser uma confusão completa. Novamente, surgem do meio do povo pessoas que nos deixam ver qual é a força da inspiração original. Assim, um Tomás de Aquino (+1274), cujo pensamento se funda no amor de Deus que se manifesta na criação, observa na "*Suma Theologiae*": "*Todo o universo se dirige para Deus com o seu fim na medida em que representa por uma certa imitação a bondade divina*" ...as criaturas racionais se dirigem de um modo especial para Deus, porque podem atingi-lo pelo seu engajamento,

conhecimento e amor"¹¹. E isso se torna, antes de tudo, uma realidade concreta em Jesus Cristo que assume generosamente a condição humana. Daí por diante, a inspiração do Espírito nos leva a realizar aqui na terra, cada vez mais, um plano que se completará pela volta da humanidade ao Deus que é amor.

As idéias especulativas se refletem numa sociedade onde devem ser situados, também, os "*Fioretti Di Santo Francesco*". Foi somente muitos anos depois da morte do pobre de Assis (+ 1226) que aquelas admiráveis narrações começaram a ser colecionadas. Encontramos nelas os simples companheiros que, com humildade, por todos os cantos, dirigem-se à presença divina.

É característica a história sobre o bravo lobo da cidade de Gubbio: Francesco repreende-o, severamente: "*Irmão lobo, você cria nestas regiões muita confusão e tem cometido muitos crimes, matando indevidamente criaturas de Deus sem a licença dele. Mas não somente tem matado e devorado animais, você até mesmo tem se atrevido a assassinar homens que Deus criou à sua imagem*"¹². Uma tal crítica não deixa de impressionar a fera. Na cidade de Gubbio volta a

⁷ *Protéptikos pros Helénas* I, 2, 4, S.C. 2, Paris 1949, 55

⁸ *Ibidem* I, 5, 3, 58

⁹ *Paidagogos* I, VI, 25-26, S.C. 70, Paris 1960, 156-158

¹⁰ *Ibidem*, I, V, 20, 3, 146

¹¹ *Summa Theologiae* I, Quaestio 65, art. 2, c, Torino 1915, 425

¹² *I Fioretti Di Santo Francesco*, Torino 1958, 122-123

paz. E o lobo passa, bem nutrido, os seus últimos anos no meio da população. Essa história ilustra a persuasão íntima para a qual a criação é chamada ao levar uma vida pacífica e generosa como louvor ao Cristo que, na pessoa do santo, revelou a sua maravilhosa presença.

Não é de estranhar que Thomas More (+1535, início da época moderna) se põe a pensar no futuro. Como cristão, compreende que o milagre da vida está em nossas mãos. Em sua *"Utopia"* projeta uma sociedade onde a população é pacífica. Os cidadãos veneram a Deus que os ampara com a sua presença: *"Ele penetra o mundo inteiro, não de um modo grosseiro, compacto, mas pela sua virtude, pela sua força"*. Em toda a parte se manifesta os segredos da natureza: *"Os cidadãos acreditam que a pesquisa da natureza e o louvor que decorre disso, sejam para Deus uma grande homenagem"*¹³. Ainda que a grande maioria da população esteja arraigada ao Cristianismo, cada cidadão está livre para fazer sua própria escolha: *"Se a verdade é capaz de inspirar uma vivência, então ela virá, sem dúvida, à luz"*¹⁴. Pelo resto, respeita-se o valor de cada homem, e todos preocupam-se com a sorte do outro. Mas a crise que

segue tem efeitos desastrosos, também para o Cristianismo. Os fiéis consideram a ousadia dos pesquisadores, na maioria das vezes, como uma ameaça. A soberania de Deus corre o risco de ser abolida. O mundo maravilhoso está para desmoronar. E assim acontece que, aos poucos, nos retiramos da sociedade. O Cristianismo se tranca dentro do baluarte da fé. E o que pode decorrer de uma tal atitude é bem ilustrado por Ephraim Lessing (+1781): *"O orgulho deles é que são cristãos, não que são homens"*¹⁵.

Alienados da vida, os fiéis se desgastam em brigas com os seus adversários. Um escândalo que, também, vai emperrando o diálogo entre as grandes religiões. Isso se torna óbvio em *"Nathan der Weise"*, onde o sábio narra a seguinte história: Na antigüidade vivia, no Oriente, um homem que possuía um anel precioso. A pedra era um brilhante topázio que tinha a força secreta de fazer ser amado por Deus e por todos os homens cada um que pusesse aquele anel no dedo. É claro, portanto, que ele nunca tirava esta jóia da mão. Ela tornou-se uma peça de inestimável valor que se transmitia, por herança, do pai ao filho mais amado. Até que, afinal, o anel chegou à posse de um homem que tinha

três filhos. E ele amava a todos sem distinção... O que fazer? O homem prometeu a cada um dos filhos que lhe daria o anel. Ao se aproximar da morte, encomendou ao ourives dois outros anéis, totalmente iguais ao seu. O artista executou a tarefa com tanto cuidado que o pai não foi capaz de distinguir o original dos dois outros. Cada um dos irmãos recebeu, em segredo, um anel assim que o pai faleceu. Quando os filhos perceberam o ocorrido, surgiu entre eles uma forte discussão. Foram ao tribunal para provar que o seu anel era o original mas, em vão. Pior ainda. A briga entre os irmãos deixou claro que nenhum dos filhos poderia possuir o anel original. O juiz chegou à conclusão que a jóia verdadeira, provavelmente, tinha sumido. A sentença do juiz foi a seguinte: os três deveriam considerar o próprio anel como o verdadeiro, esforçando-se para fazer com que a força secreta da pedra viesse à luz; *"livre de qualquer preconceito cada um deve aplicar-se a praticar um amor desinteressado"*¹⁶. O juiz aplica um critério válido para todos. Trata-se da *pedra de toque* que representa, para os fiéis, uma explicação fundamental. Com efeito, também no meio dos cristãos, surgem de novo pessoas preocupadas com a sociedade, com o mundo. Por trás da fria e dura aparência, revela-se para eles o

mistério da presença divina. Pensemos apenas em Johan Adam Mohler (+1838), Charles Péguy (+1914) e Pierre Teilhard de Chardin (+1955).

O Cristianismo se torna, assim, uma viva experiência. A mística da comunhão supera qualquer estruturação racional. Só pelo egoísmo se cria uma ruptura. Foge dos olhos o aspecto essencial, isto é, o amor que oferece espaço e abre o caminho para um engajamento concreto no mundo, sobretudo, quando a sociedade está sob a ameaça de uma decadência aviltante. O partido, o sistema e a ideologia vão abafando a vida. Apesar de tudo, resta ainda uma expectativa que nos sustenta. Ela fica arraigada no coração da criança. Há o segredo do dia de amanhã que traz, sempre de novo, surpresas. Há a chama vacilante da esperança que nunca se apagará, pois a nossa querida terra, a natureza, o homem, são empurrados por uma criatividade que leva a evolução do mundo, cada vez mais, a um enriquecimento interior. Sim, a passagem de um estado para o outro é arriscado. Novamente, o milagre se realiza. Trata-se de uma visão que ilustra uma confiança fundamental na vida, a fé em Cristo, por quem e para quem tudo tem sido feito. Essas idéias formulam, para o autor deste ensaio, o sonho da história maravilhosa que vive no coração de todos nós. Ainda sempre ameaçada...

¹³ *Utopia*, Amsterdam 1977, 102

¹⁴ *Ibidem*, 126

¹⁵ *Nathan der Weise*, Frankfurt am Main 1984, 627

¹⁶ *Ibidem*, 667-671

Numa floresta distante morava um homem idoso que vivia, fartamente, das groselhas que lá se encontravam - narra Godfried Bomans (+1971) em seus "Sprookjes" - completamente sozinho e cheio de alegria. "Veja", costumava dizer de manhã, "para quem todos estes diamantes estão derramados sobre a grama senão para mim?". E quando andava pela floresta, exclamava: "Quais altas abóbadas, quais amplos patamares, quais belas colunas. E tudo isso só para um homem". Deitado de costas, olhava para as imagens que passavam acima do céu: "Quem tem um tal teto?" De noite, sentado embaixo do seu loureiro, escutando as melodias encantadoras de uma voz tão suave, as lágrimas lhe saltavam aos olhos: "Que música, que som! É uma pena que só eu posso ouvi-los". Mas, o colhedor das groselhas não está sozinho no mundo. Chega um viajante à sua choça. O velho não cabe em si de alegria. Existe mais um homem! O viajante, no entanto, empalidece ao ouvir falar das riquezas que se encontram na floresta. Volta, rapidamente, para a cidade e, na companhia de muitos

outros, aparece de novo diante da casinha do colhedor de groselhas. Cai a noite. O velho pede que o povo tenha um pouco de paciência até a alvorada do dia seguinte. De madrugada, a grama começa a brilhar sob a luz do céu. Por todos os lados aparecem esplêndidos diamantes brancos. Ao levantar do sol estes se tornam topázios, esmeraldas e safiras. O colhedor de groselhas sai da sua choça e olha, silenciosamente, pelos arredores. "Vocês tem sorte", diz baixinho, "nos dias passados não houve nunca tantas pedras preciosas". "Não vemos nada"¹⁷, gritam todos. Os diamantes são orvalho, as belas colunas, árvores e os mosaicos, nuvens. Quando, a noite, o rouxinol começou o seu canto já não havia ninguém para escutar. Num galho abaixo, o velho estava pendurado, morto...

Pe. Leonardo Meulenberg é professor titular da Universidade de Imega, Holanda, e professor convidado do Departamento de Missiologia da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

¹⁷ *Sprookjes*, Hilversum 1959, 19-27

PASTORAL VOCACIONAL LIBERTADORA

Pe. Geraldo Ferreira Barbosa

O tema Pastoral Vocacional (PV) continua suscitando vivo interesse. Sobretudo a partir do Concílio Ecológico Vaticano II, a Igreja, na palavra de seus pastores, tem insistido na urgência de uma PV renovada e concebida, prioritariamente, como dimensão obrigatória de todo o plano global de pastoral e, ao mesmo tempo, como o campo específico de ação que acompanha o despertar, o discernimento e a opção de vida (decisão) daqueles que escolhem o seguimento de Cristo na vida consagrada. Afinal, o projeto da Nova Evangelização (NE) precisa contar com evangelizadores numerosos e qualificados. Por isso, a promoção das vocações consagradas (sacerdotais, religiosas ou leigas) e de outros agentes de pastoral, deve ser uma prioridade dos pastores e de todo o Povo de Deus (cf. João Paulo II, Discurso Inaugural da Conferência de Santo Domingo, nº 26).

I. O REGIME DE CRISTANDADE E A PASTORAL VOCACIONAL

Chegando ao Brasil, em 1549, os primeiros jesuítas sentiram logo a urgente necessidade de multiplicar o número de missionários para o servi-

ço de catequese e da sacramentalização. De Portugal vinha para a Colônia quase totalidade dos clérigos que atuavam aqui. Já se notava a conveniência da formação de vocações autóctones para o atendimento da demanda da cristianização dos indígenas. Por isso, as escolas fundadas pelos missionários se tornaram também centro de formação de clérigos.

1.1. Características do Clero no Período Colonial

O clero português nos séculos XVI e XVII não primava pela vida moral. Vindo para a colônia, não tinha aqui ambiente favorável; libertinagem, promiscuidade e relaxamento nos costumes eram comuns nesta época¹.

No século XVIII, tempo do descobrimento das minas, a situação ainda era precária. O sacerdócio era visto mais como profissão, simples carreira, meio de vida. O padre não passava de um funcionário eclesiástico encarregado das funções litúrgicas próprias do catolicismo oficial. Eram raros aqueles que se dedicavam a ministérios propriamente pastorais².

¹ Cf. E. HOORNAERT e OUTROS. *História da Igreja no Brasil*. Tomo 2, p. 164

² *Ibidem*, p. 183